

ARTHUR SCHOPENHAUER E A CRÍTICA A KANT: UMA ÉTICA DA COMPAIXÃO APLICÁVEL AOS ANIMAIS IRRACIONAIS.

*Beatris da Silva Seus*¹

“O homem é propriamente falando,
um animal que agride”.
(Arthur Schopenhauer)

1. INTRODUÇÃO

O sistema moral schopenhaueriano é fundamentado na noção de que os sujeitos são capazes de agir de acordo com a compaixão. O autor de *O Mundo como Vontade e como Representação* (2005) observa que o mundo é formado pela *Vontade* cega e sem objetivos, e esta é concebida no mundo empírico através de suas representações. Mas o que são essas representações? Podem ser consideradas representações da vontade tudo o que existe: a terra, as árvores, a água, nós animais racionais e inclusive mesmo os animais irracionais. Por mais que estes seres irracionais não fossem representados no sistema jurídico do século XIX, Schopenhauer conseguiu através de seu sistema exemplificar que o convívio entre nós pode e deve conter mais respeito mútuo do que fora

¹ Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas.

observado durante toda a humanidade. Depois de observar maus tratos com os animais domésticos e até mesmo com os selvagens – os quais eram utilizados em experimentos médicos e científicos –, pareceu necessário mostrar aos sujeitos o mesmo todo do qual todas as representações fazem parte. Ao falarmos de compaixão (a cristã em especial, onde os animais existem em função do homem), normalmente entendemos que a compaixão deve ser posta em prática numa relação entre sujeitos.

A partir da revolução copernicana, com a descoberta de Galileu e com os avanços científicos, ficou cada vez mais claro que o homem não é o centro do universo. Nessa nova perspectiva, o mundo não tem sua existência para servir aos sujeitos, mas tudo pode existir por um mero acaso. É essa linha de raciocínio que Schopenhauer vai seguir ao tirar a *coisa-em-si* kantiana de seu sistema metafísico e colocar em seu lugar a *Vontade* (da mesma forma que o homem foi retirado do centro do universo e se tornou apenas consequência deste). Com isso, Abre-se a perspectiva filosófica de que realmente nada existe de propósito. Todos e tudo são consequências de um sistema sem fim, sem determinações e objetivos. Isso pode gerar, em certos casos, a impressão de que não há mais certo ou errado, contudo a partir do entendimento de que ao ferir o outro indivíduo está ferindo a si mesmo, este entende de maneira compassiva que pode representar em si a dor de outro.

Pode parecer difícil de observar um bom exemplo acerca disso, porém este pode ser expresso com clareza no caso em que uma mãe dá a sua vida pelo filho: ela ama tanto sua prole enquanto consequência de sua biologia que não vê problema em dar a sua vida para a continuidade da vida de sua cria. Isso ocorre com todas as espécies, e o mesmo deveria acontecer com o convívio social: muitas vezes os sujeitos deveriam abrir mão de seus impulsos mais fortes, como a crueldade e egoísmo (mais fortes que a compaixão, de

acordo com o autor), e num movimento utilitarista² agir para o bem da espécie humana, saciando a sede de vida que a *Vontade* possui. Mas, dada a natureza irracional movida apenas pela vontade enquanto pulsão dos sujeitos é muito difícil que alguém opte pelo bem de outrem³. É por consequência desta natureza cruel que Schopenhauer é tido como um autor pessimista.

Para tanto, analisaremos a seguir três características relacionadas aos escritos de Schopenhauer: em primeiro lugar, como surgiu seu sistema filosófico; segundo, o motivo de suas críticas à Kant serem o ponto de partida de sua ética da compaixão que abre espaço para os animais; e, por fim, como seu sistema conseguiu este patamar pessimista, muitas vezes, tido como ou demasiado empírico ou demasiado metafísico.

2. CRÍTICA À MORAL KANTIANA

Na fundamentação da ética kantiana, o imperativo categórico⁴ serve para orientar o agir dos sujeitos. O imperativo categórico é um princípio oriundo do *factum* da razão, que além de fazer parte do mundo *numênico*,

² O utilitarismo aqui não é o mesmo utilizado pelos clássicos ingleses. Observa-se em Schopenhauer um tipo de utilitarismo que conserva a espécie.

³ A vontade sacia-se tanto com o egoísmo quanto com a crueldade e com a compaixão. Mas observa-se que apenas quando o sujeito tem consciência de sua parte no todo, é que ele age de maneira compassiva. Por isso é que o pessimista conclui que são raros os casos em que o móbil da ação humana é a compaixão.

⁴ O imperativo categórico é um conceito fundamental da filosofia kantiana. Tal conceito denomina aquele dever que toda pessoa possui de agir conforme alguns princípios que poderiam ser universalizados. Para Kant, seria necessário agir sempre de acordo com a moral. O imperativo categórico é observado em três diferentes fórmulas: **Lei universal**: "Age como se a máxima de tua ação devesse tornar-se, através de tua vontade, uma lei universal."

Fim em si mesmo: "Age de tal forma que uses a humanidade, tanto na tua pessoa, como na pessoa de qualquer outro, sempre e ao mesmo tempo como fim e nunca simplesmente como meio". **Legislador universal (ou da Autonomia)**: "Age de tal maneira que tua vontade possa encarar a si mesma, ao mesmo tempo, como um legislador universal através de suas máximas". Para muitos autores, o imperativo categórico é uma reformulação da famosa "Regra de Ouro": faça aos outros o que deseja que façam a ti mesmo.

consegue influenciar o mundo *fenomênico*⁵ de maneira a orientar as ações do sujeito racional de forma universal e necessária. Schopenhauer é um crítico dessa fundamentação do agir moral. Para ele, o programa ético kantiano é desprovido de sentido, pois possui como fundamento último da ação um aspecto metafísico que desqualifica ações oriundas de qualquer outra instância que não seja a razão. A relação que existe entre a razão e a metafísica⁶ é que os sujeitos racionais (transcendentais) partilham do incognoscível, uma vez que conseguem pensar em coisas consideradas metafísicas, ainda que não possam conhecê-las. Para Schopenhauer, precisamos de provas empíricas para dizer se algo existe ou se afeta os sujeitos. Desta forma, dizer que a metafísica existe apenas por ser pensada, é uma resposta insatisfatória para o crítico de Kant. A moral deve ser fundamentada no que realmente acontece no mundo, caso contrário estaríamos apenas especulando elementos do real. Ademais, segundo o autor, A ética kantiana não é demonstrável empiricamente, o que é um problema para um filósofo que tem a pretensão de dar conta de um dogmatismo exacerbado⁷.

Para melhor compreendermos a crítica de Schopenhauer, será necessário analisar a filosofia prática kantiana, uma vez que seu sistema surge a partir das críticas feitas ao iluminista. Na *Crítica da Razão Prática*, Kant pretende formular uma lei moral que seria diferente de qualquer outra – o autor pretende libertar sua filosofia do dogmatismo e do empirismo cego –. Para isso, ele propõe regras transcendentais que não podem ser comprovadas no

⁵ A relação entre os dois mundos se dá no sujeito transcendental: ele tem acesso à totalidade do mundo fenomênico a partir da faculdade da sensibilidade e do entendimento, mas também tem acesso a uma parte do mundo *numênico* pela sua racionalidade (o que permite ao sujeito transcendental postular ideias como liberdade, alma e Deus). Porém, o sistema kantiano não é dualista como o de Platão: tanto o mundo fenomênico quanto o mundo *numênico* fazem parte de uma mesma realidade.

⁶ A metafísica em Kant é especial: ela não faz parte de outro mundo.

⁷ Após a revolução copernicana Kant propõe uma filosofia que não seja fundamentada apenas em elementos racionais ou empíricos. Dessa forma, na *Crítica Da Razão Pura* (2013), Kant critica o sistema cartesiano por ser muito dogmático, mas na elaboração de seu sistema parece ter caído no mesmo problema.

mundo fenomênico. Os homens teriam acesso a estas regras a partir do pressuposto de que possuem uma condição de possibilidade da razão; e aqueles que são racionais podem também ser chamados de transcendentais, pois têm acesso às leis morais utilizando a razão. É importante ressaltar que as leis morais não são obrigatórias ao homem, eles escolhem livremente por imputar tais leis em suas ações para agir por dever. O postulado da liberdade paira sobre todo sistema kantiano, principalmente na *práxis* de sua filosofia. Para Kant, os homens só seriam realmente livres ao adotar uma ação ordenada pela razão, e não por elementos exteriores a esta (o que seria considerado como heteronomia). Pode parecer contraditório este tipo de liberdade, porém é importante lembrarmos que dentro do pensamento de Kant sempre haverá a possibilidade de agir por dever e pelo dever (de acordo com a razão ou com a exterioridade da ação).

Os imperativos categóricos⁸ entram neste sistema ao notarmos que o homem ao agir determinado pela razão deve universalizar sua ação além de imputar esta às regras do imperativo. Assim, será possível uma ação sem elementos exteriores. Neste ponto entra a crítica schopenhaueriana à Kant. Para o autor pessimista, o agir determinado pela razão não garante uma ação boa. É possível agir por dever (em uma linguagem kantiana) e mesmo assim possuir uma ação negativa para a sociedade⁹. Para Schopenhauer, seguir o imperativo categórico também não garante uma ação livre de interesses. O imperativo categórico seria – em sua perspectiva – apenas um tipo de consciência que sente culpa ou prazer antes do agir¹⁰. Schopenhauer propõe que: são as ações que mostram o “caráter” de um homem, e não apenas o ato de pensar em uma ação, uma vez que os pensamentos não garantem que uma

⁸ Conforme a nota de rodapé um.

⁹ Como o famoso caso do oficial alemão Eichmann, trabalhado por Hannah Arendt, na obra *Eichmann em Jerusalém*.

¹⁰ Para o pessimista, é impossível pensar em uma ação sem também pensar nas consequências que essa trará.

ação seja efetivada, sendo estes bons ou maus. Nessa crítica, ele pretende demonstrar que os sujeitos podem, muitas vezes, pensar que executaram uma ação positiva, mas na realidade essa ação foi negativa. Além disso, é subjetivo: o que pode ser bom para uns, pode ser ruim para outros¹¹.

3. GÊNESE DA MORAL SCHOPENHAUERIANA

Para Schopenhauer, o sentido moral do mundo deveria ser buscado na noção de *Vontade*¹², sendo empírico o móbil da ação humana e não fazendo uso de um instrumento transcendental. Ele considerava ainda que uma ação só pode se tornar boa ou má uma vez que esta foi posta em prática¹³, havendo uma relação entre indivíduos. Enquanto que em Kant, existe uma noção onde ação pode ser boa ou não simplesmente por esta ser pensada ou cogitada. Isso ocorre porque em Kant é antes do agir que o sujeito transcendental universaliza sua máxima e descobre se a sua ação está de acordo com a lei moral. As ações morais schopenhauerianas são aquelas efetivadas entre os homens neste mundo e que trazem uma sensação de contentamento para quem as pratica, lembrando que este contentamento é diferente daquele que o sujeito sente ao agir de maneira cruel ou egoísta.

É importante aqui explicar o fundamento da moral schopenhaueriana: a compaixão. Devemos ter em mente que o mundo para o autor é formado por vontade e aparência (que é em última instância o conceito “representação”). Já o conceito de vontade parte de uma crítica a Kant, pois ela assume o papel da *coisa em si* no todo e isso ocorre porque Schopenhauer

¹¹ Rompendo com a noção kantiana de que uma lei moral pode ser universal e necessária.

¹² Schopenhauer observou que existe uma força impessoal que manifesta no mundo *fenomênico* o que o mundo *numênico* é. O autor busca um termo para fazer referência ao *numênico*: primeiro considera chamá-lo de força, mas decide chamá-lo de *Vontade*, uma vez que o mais próximo que conseguimos chegar deste mundo *numênico* é a partir de nossos próprios atos de vontade.

¹³ No pensamento a ação não pode ser boa ou má. Ela só ganha esse patamar quando é posta em relação a outrem.

considera ineficaz a explicação de que a essência de tudo provenha de algo inacessível ao indivíduo. Assim, a vontade é o que liga o intelecto ao corpo, para assim se compor um indivíduo, e este é capaz de compreender tanto o mundo da vontade¹⁴, quanto o mundo da representação¹⁵ (é possível para o homem compreender ambos os mundos por, justamente, fazer parte de ambos). Para Schopenhauer, essa analogia entre vontade e representações seria uma verdade filosófica por excelência. A vontade não explica o mundo exterior (representação), mas lhe é idêntica.

O sistema moral de Schopenhauer visa compreender os motivos que levam os homens a transformar um querer em uma ação. Ao criar uma filosofia da moral, o autor determina três motivações distintas para o agir: egoísmo, crueldade e a compaixão. O egoísmo seria o que mais determina o agir humano, e este é caracterizado por realizar algo em nome da vontade individual (por conta dele agimos pelo nosso próprio bem). Temos também a crueldade, caracterizada por ser o oposto da compaixão, fazendo os homens agirem de maneira cruel uns com os outros. Para o autor, o egoísmo e a crueldade superam a compaixão, em consequência da natureza animal dos sujeitos. A compaixão é caracterizada por fazer o homem transformar algo que esteja acontecendo com outro; ser sentida como se fosse algo acontecendo consigo mesmo. Com a compaixão, portanto, agimos para o bem do outro sem colocar a nossa vontade acima da vontade do outro. Por isso que a compaixão está ligada à negação do meu querer¹⁶, diminuindo o espaço entre o eu e o não-eu¹⁷, fazendo com que a minha noção de corpo enquanto representação da vontade abarque todos os corpos existentes, todos os

¹⁴ Numênico.

¹⁵ Fenomênico.

¹⁶ Quando se ignora a *Vontade* ou quando coloca o desejo de outrem na frente do próprio querer.

¹⁷ É negando a própria *Vontade* que o indivíduo se aproxima mais da figura do gênio. Assim, quanto mais próximo do não-eu o sujeito chega, mais próximo de compreender a realidade ele está (mais compreendendo a si mesmo enquanto parte do todo).

homens e por fim tudo o que existe. Sem o reconhecimento da minha existência enquanto parte da existência de um todo, não parece ser possível a total compreensão do sistema ético schopenhaueriano.

A fundamentação da moral propõe que devemos perceber que não existe uma liberdade e uma individualidade no mundo. Devemos notar que o “eu” e o “não-eu” são representações da *Vontade*, isto é, de um todo. Se esta compaixão fosse posta em prática, o autor pensa que, poderia instaurar paz no mundo. Agir de maneira compassiva é negar uma pulsão de agir em detrimento do outro, que na realidade é um todo em que o “eu” faz parte. O importante da compaixão prática são os princípios supremos da moralidade schopenhaueriana: as virtudes morais. A ética schopenhaueriana é uma ética da compaixão, pois esta é o fundamento das duas virtudes: a caridade e a justiça.

A compaixão, sozinha, é a base efetiva de toda a justiça livre e de toda a caridade genuína. Somente enquanto uma ação dela surgiu é que tem valor moral e toda ação que se produz por quaisquer outros motivos não tem nenhum. (SCHOPENHAUER, 2011, §16).

O ato de experienciar a compaixão de maneira intuitiva¹⁸ expressa o caráter moral da humanidade, e é a partir disso que sabemos que há uma moral no homem. Além disso, a moral schopenhaueriana é aquela que visa ir contra qualquer tipo de ação egoísta e cruel. A compaixão é, portanto, a matriz de todas as outras virtudes.

4. MORAL ANIMAL

Se existe apenas um princípio originário de todas as representações existentes no mundo, superando a ideia de que o homem possui uma essência superior, temos uma filosofia que vê os animais como parte integrante do

¹⁸ Como quando vemos outra pessoa sofrer e nos sentimos tristes inconscientemente pelo sofrimento alheio, de maneira automática.

mesmo todo que os homens pertencem, e por isso também são passíveis de direitos (mesmo que estes direitos não sejam os mesmos aplicados aos homens). A metafísica da vontade onde tudo o que existe são representações de uma mesma essência, permite uma visão de unidade que garante a consideração de animais como sujeitos de direito. É por isso que podemos afirmar que Schopenhauer foi um precursor da ética animal, de acordo com Jair Barboza (2015). Rompendo com Platão e Kant, Schopenhauer acredita que não é mais a racionalidade que deve orientar nossas ações. Nessas teorias idealistas (platônicas, criacionistas, cartesianas e kantianas) juntamente a tantas outras, os animais não possuem alma e também não sentem dor¹⁹. Tanto na prática quanto na teoria, isso serviria para justificar maus tratos a estes seres vivos, que como diria Kant, são nada mais do que coisas. Schopenhauer irá romper com tais teorias e sua ética da compaixão abrirá espaço para os animais.

Nossos médicos não têm mais a clássica formação de antigamente, que lhes conferia uma certa humanidade e um traço nobre. Hoje em dia tudo ocorre o mais cedo possível na universidade, onde se trata apenas de aprender o próprio ganha-pão, para assim prosperar sobre a terra. (SCHOPENHAUER, 1986, p. 441).

O autor observa que os seres vivos irracionais são utilizados como objetos nos campos da filosofia, ciência, medicina e até mesmo na literatura alemã, e indignado rompe mais uma vez com seus antecessores. Apesar disso, o autor não fomenta elogios ao vegetarianismo: empenha-se primeiro em condenar os maus-tratos e crueldade para com os animais, sem renunciar à carne. Ele propunha uma morte rápida e indolor para os animais, considerando de maneira utilitarista que os homens (principalmente do hemisfério norte) sofreriam sem comer carne. Sua metafísica da *Vontade*

¹⁹ Conforme Descartes na parte 5 do *Discurso do Método*, por exemplo. O assunto também é trabalhado no artigo *Schopenhauer como precursor da ética animal* de Jair Barboza (2015).

observa os corpos dos animais enquanto dotados de vontade, portanto com a possibilidade de terem o sofrimento negado.

A compaixão para com os animais liga-se tão estreitamente com a bondade do caráter que se pode afirmar, confiantemente, que quem é cruel com os animais não pode ser uma boa pessoa. Também esta compaixão mostra-se como tendo surgido da mesma fonte, junto com aquela virtude que se exerce em relação aos seres humanos. Assim, por exemplo, as pessoas sensíveis sentirão o mesmo remorso, o mesmo descontentamento consigo mesmas, ao ter a lembrança de que, num acesso de mau humor, esquentadas pela ira ou pelo vinho, maltrataram imerecida, desnecessária ou excessivamente seu cão, seu cavalo ou seu macaco, o que é sentido do mesmo modo que a lembrança da injustiça exercida para com os seres humanos, que se chama a voz da consciência punitiva. (SCHOPENHAUER, 2011, p. 179)

Temos então a noção de que para nosso autor é impossível que um sujeito seja bom se suas ações para com os animais irracionais forem más. Aqui, de nada adianta que o cidadão seja exemplar para a sociedade se para os seres vivos mais indefesos o mesmo cidadão for mau. É por isso que seu sistema além de estar focado na empiria (mesmo que esta empiria seja uma mera representação da *Vontade*), prevê ações boas com todos e para todos, sem colocar a racionalidade como medida condicional para o direito.

5. CONCLUSÃO

De maneira sucinta, conseguimos desenhar a linha argumentativa que transpassa a crítica schopenhaueriana à Kant, sua filosofia da ética da compaixão e, por fim, a possibilidade de um direito dos animais fundamentada em um mundo enquanto *Vontade* e *Representação*. Muitos se perguntam porquê Schopenhauer apesar de seus argumentos a favor da vida, acaba por ainda defender o consumo da carne animal. Parece simples afirmar que em seu contexto ainda não tão influenciado pelo capitalismo, o consumo da carne não havia tomado tamanhas proporções. Talvez, em nossa sociedade

contemporânea, a opinião do pessimista fosse diferente. O que importa é que seu trabalho crítico conseguiu dar conta do problema observado em seu tempo: conforme Schopenhauer, diversos animais eram mortos para estudos médicos que ocorriam dia após dia para um pequeno número de pessoas.

Sobre a influência da crítica feita à Kant, após a *coisa-em-si* ser substituída pela *Vontade*, onde todos os seres vivos são dignos não só de compaixão, como também de direitos (ou o mínimo de preocupação), a filosofia moderna se tornou mais uma vez capaz de observar homem e animal enquanto partes de uma mesma coisa, de um mesmo mundo, num mesmo todo. Não estamos aqui excluindo estudos feitos antes do século XIX, como é o caso de Hume, por exemplo. Apenas estamos observando que um autor cuja vida pessoal parece ser tão distinta de sua vida filosófica, de fato conseguiu contribuir de maneira positiva para uma vida social mais agradável para todos²⁰. A ética da compaixão, apesar de não fornecer respostas ao âmbito jurídico, traz respostas ao bem viver dos sujeitos, onde agir pela compaixão dá origem a um sentimento de contentamento que nenhum outro agir poderia superar²¹. Alguém pode acabar por ser cético o suficiente para não crer na metafísica schopenhaueriana, podendo afirmar que a *Vontade* e a *Representação* não existem no mundo empírico, não podendo ser tratadas pela falta de comprovação. Podem também afirmar que não existe essa tal compaixão (ou até mesmo que a compaixão de Schopenhauer é – apesar de seus esforços – cristã). Independentemente das inúmeras interpretações que podemos ter a partir do seu texto, conseguimos sim nos vermos externamente enquanto parte de – se não quiserem falar “um mesmo todo” – um mesmo mundo. Quem tem a insatisfação de entrar em um frigorífico ou em um campo de abate de animais consegue sentir o mínimo de compaixão. Além disso, ao vermos um

²⁰ Lembrando que o autor escreveu a obra *Aforismos para Sabedoria de Vida* (2009) para dar dicas de como viver bem.

²¹ Como o egoísmo e a crueldade, por exemplo.

animal ter sua vida retirada pela satisfação do homem, conseguimos sim observar seu sofrimento. Proponho este tipo de pensamento muito antes do levantamento de contra argumentos ao autor em questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOZA, Jair. *Schopenhauer como Precursor da Ética Animal*. Disponível em: <http://revistalampejo.apoenafilosofia.org/edicoes/edicao2/artigos/Artigo12_%20Jair_130_a_141.pdf>. Acesso em: 20, out. 2015.

BENDA, Julien. *O Pensamento vivo de Kant*. São Paulo: Martins Editora, 1961.

KANT, Immanuel, *Crítica da Razão Pura*. Tradução e notas de Fernando Costa Mattos. - 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2013.

KRASSUSKI, Jair. *Crítica da Religião e Sistema em Kant: Um Modelo de Reconstrução Racional do Cristianismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

LEITE, F. Tavares. *10 Lições sobre Kant*. - 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2007.

MAGEE, Bryan. *História da Filosofia*. Tradução de Marcos Bagno. – 3ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

PERNIN, Marie-José. Schopenhauer: *Decifrando o Enigma do Mundo*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1995.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e como Representação*. Tradução, Apresentação, Notas e Índices de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.

_____. *Sobre a Vontade na Natureza*. Tradução, Prefácio e Notas de Gabriel Valladão Silva – 1ª Edição. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

_____. *Sobre o Fundamento da Moral*. Tradução de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. Tradução, Prefácio e notas de Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *Os Pensadores: Obras Incompletas*. Seleção e Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Abril Cultural, 1974.